

Opióides e opiáceos

Em 1804, na Alemanha, Frederick Sertuner isolou a morfina a partir do ópio, produzindo um cristal hidro-solúvel. Depois de ingerir os cristais descobriu que induzia um estado onírico, pelo que em 1817 designou-a “morphium” derivado de Morfeu o deus grego dos sonhos. Mais tarde Joseph Gay-Lussac introduziu o termo morfina [1]. Em 1952 Robert Robinson deduziu a fórmula empírica e começou a ser sintetizada em laboratório no mesmo ano.

Sertuner mostrou que as plantas contêm substâncias que podem ser isoladas e que têm as propriedades dessas plantas. A morfina é apenas um dos 24 alcalóides que se encontram na resina na papoila do ópio e constitui cerca de 10% do extracto total do ópio [1].

O isolamento da morfina foi o primeiro desses “produtos naturais” e que contribuiu para tornar a farmacologia uma disciplina independente.

Usam-se muitas vezes os termos opióide e opiáceo como se tivessem o mesmo significado. Isso acontece mesmo na literatura internacional especializada. No entanto, os dois termos não têm o mesmo significado. Opiáceos são substâncias naturais derivados da papoila do ópio; ex. morfina e codeína. Opióides são todas as substâncias que actuam nos receptores opióides podendo derivar da papoila do ópio ou serem sintéticas ou semi-sintéticas; ex. metadona, hidromorfona, fentanil e oxicodona. O termo opióide é, assim, um termo mais geral.

Referências

1. Balch RJ, Trescot A. Extended-release morphine sulfate in treatment of severe acute and chronic pain. J Pain Res 2010;3:191-200.